



ASPECTOS AUTOBIOGRÁFICOS NA PESQUISA CIENTÍFICA SOBRE BAIRROS NEGROS E POPULAÇÕES NEGRAS

Tiago Souza de Jesus¹
Henrique Cunha Junior²

RESUMO

Este trabalho refere-se a um relato de pesquisa científica desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará e defendida no presente ano de 2023. A pesquisa enveredou pela autobiografia, pelo patrimônio cultural negro e pela vida urbana afrodescendente na Rosalina, uma comunidade localizada na Secretaria Executiva Regional VIII da cidade de Fortaleza, Ceará. Segundo relatos dos moradores, a Comunidade Rosalina emergiu em 1992 e expandiu-se consideravelmente em 1996, impulsionada por um período de especulação imobiliária que viu uma centena de famílias estabelecendo-se simultaneamente. Este bairro negro é uma manifestação materializada das experiências afrodescendentes em um contexto geográfico específico, moldando as estruturas e resultando em um bairro distinto dos bairros onde a população eurodescendente supera numericamente os afrodescendentes. O principal objetivo deste trabalho é evidenciar os aspectos da autobiografia em pesquisas sobre bairros negros e populações negras, com intuito de expô-la como potencializadora das pesquisas afrodescendentes, explorando elementos da história e da cultura negra, as formas de vida e organização. Para atingir essa finalidade, empregou-se a metodologia afrodescendente de pesquisa, na qual o pesquisador, compartilhando da identidade afrodescendente, se imerge em seu próprio contexto de pesquisa, explorando questões relacionadas à sua própria cultura e história, que o moldam e que estão intrinsecamente ligadas à sua própria existência. Nesse contexto, o pesquisador investiga sua própria realidade e a comunidade onde reside. Como resultado dessa pesquisa, observa-se que as narrativas autobiográficas apresentam aspectos dos significados, enquanto que a autobiografia vai além, apresentando dimensões da memória, ideologia e desejos inconscientes. As narrativas autobiográficas como parte do método da afrodescendência de pesquisa é uma das possibilidades existentes de narrar um cotidiano diverso, inventivo, inédito e criativo. Essas são as dimensões das sociabilidades e das experiências da afrodescendência nas cidades brasileiras.

Palavras-chave: Afrodescendência; População Negra; Metodologia afrodescendente; Autobiografia; Bairros Negros.

INTRODUÇÃO

A oralidade é uma das formas de resistência que assinala a existência das histórias da população negra no Brasil. Este artigo busca traçar uma reflexão sobre os aspectos autobiográficos na pesquisa científica sobre bairros negros e populações negras. Especificamente, busca-se caminhar pelos campos da autobiografia, da narrativa de vida, do historicismo, do patrimônio cultural negro e das formas de vida da população negra na

¹ Mestre em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará (CE). E-mail: tiagounifesp@gmail.com

² Livre docente. Universidade de São Paulo (SP). E-mail: hcunha@ufc.br



Comunidade Rosalina, em Fortaleza-CE. Enquanto as narrativas oferecem significados, a autobiografia vai além, revelando dimensões que abrangem a memória, os medos, os sonhos, as experiências cotidianas e os desejos inconscientes.

Essas vivências e percursos contribuem para a formação de identidades étnicas, representando um sentimento de pertencimento a um lugar, memória, comunidade e povo (CUNHA JR., 2019a). Num contexto dominado por uma perspectiva hegemônica e eurocêntrica, a memória coletiva e individual dos afrodescendentes é apagada. As tradições e a cultura de origem africana são diluídas e rotuladas como cultura popular, afastando as pessoas de sua conexão ancestral africana. "Os estereótipos geram preconceitos, constituindo um juízo prévio pela ausência de um real conhecimento do outro" (MUNANGA; SILVA, 2005, p. 24).

A comunidade Rosalina surge como resposta ao déficit habitacional nos anos 1990 em Fortaleza. Enquanto os bairros próximos ao centro comercial perderam cerca de 5,9 mil moradores entre 1991 e 2000, o bairro Passaré integra a realidade dos bairros que cresceram 10% no mesmo período. Esses números contrastam com o déficit habitacional de 77,6 mil moradias registrado em 2000 (POLIS, 2009, p. 11).

O bairro negro representa uma metamorfose das experiências afrodescendentes em um espaço territorial. A singularidade dessas vivências resulta na formação de estruturas que delineiam bairros distintos, nos quais a presença afrodescendente é numericamente inferior aos eurodescendentes. O patrimônio cultural negro abrange tudo que possui valor para a comunidade, tanto material quanto imaterial, incluindo memória, história e cultura afrodescendente.

No período colonial, o Brasil abrigava uma quantidade significativa de africanos que foram deslocados de seus territórios (ALENCASTRO, 2000; ROLNIK, 1989). Isso resultou da perda do território físico ao longo do prolongado período do escravismo criminoso que durou quase quatro séculos. Diante dessa perda, conforme apontado por Kabengele Munanga, "os africanos e sua descendência se lançaram na busca de territórios próprios" (MUNANGA, 2012, p. 17). Essa busca decorre da necessidade de um espaço físico para praticar suas crenças religiosas e expressar sua cultura. Esse espaço é denominado de "territórios étnicos no contexto urbano brasileiro" (MUNANGA, Op. cit., p. 18). Os locais que servem de expressão para os cultos aos orixás, deuses e inkisi, bem como para a cultura de origem africana, delineiam o que Anjos refere como "identidades territorializadas resistentes-sobreviventes" (ANJOS, 2014, p. 333).



No conceito de território, nos baseamos na perspectiva de Milton Santos, que o compreende como o “lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, 1999, p. 7). Nessa mesma linha de pensamento, o geógrafo negro Rafael Sanzio define o “o território étnico ou de população negra é o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial, e, geralmente, a sua população tem um traço de origem comum” (ANJOS, 2009, p. 149).

Essa concepção está alinhada ao pensamento de Cheikh Anta Diop, que destaca que a identidade cultural de um povo está intrinsecamente ligada a três grandes fatores: cultura, aspectos psicológicos e históricos (DIOP, 1982). É nesse limite que entendo sua ideia de identidade que de certa forma me ajuda a entender a *processualidade* da identidade na Rosalina, aquela forjada na diferença (GLISSANT, 2005), no limite da fronteira que estabelece relações que se seguem em processo neste instante da história.

A comunidade Rosalina é moldada por forças econômicas e políticas que estão além dos interesses da população local. Diferentemente de outras áreas de Fortaleza, onde a maioria é de ascendência eurodescendente, a localização da comunidade não resulta de planejamento urbano, carecendo de investimentos públicos e infraestrutura tecnológica. O processo de desqualificação da população afrodescendente, afastando-os dos centros de investimento público, é descrito por Milton Santos como "localizações forçadas". Essas imposições territoriais geram disparidades econômicas e contribuem para o agravamento da pobreza urbana. Consequentemente, a população afrodescendente em bairros de predominância negra é empobrecida devido a uma política direcionada para esse fim.

METODOLOGIA

O percurso metodológico trilhado na construção da presente pesquisa está ancorado na afrodescendência. Rechaçando o brancocêntrismo epistemológico e ocidental, realizamos o que Piedade Videira Lino chama de “abordagem sócio-histórica desse *continuum cultural*” (VIDEIRA, 2010, p. 51). Circunscrito sob a realidade brasileira, considera-se que os bairros negros são marcas profundas das civilizações africanas presentes em um processo longo de construção do território nacional.



Processo este no qual tem em seu bojo a ancestralidade, a oralidade e a comunidade, materializados “dentro da sociedade brasileira nos valores socioculturais afrodescendentes que podem ser encontrados nas sociedades tradicionais africanas que se mantiveram nos grupos étnicos de maioria afrodescendente na diáspora” (VIDEIRA, *Op., cit.*, p. 53). O propósito político-ideológico da Afrodescendência escancara uma forma de ser e estar na “academia”, sendo ela uma proposta feita por afrodescendentes para afrodescendentes, não referendando o etnocentrismo-eurocêntrico, nem conceituando as pesquisas a partir do pensamento greco-romano/judaico-cristão.

A metodologia me coloca diante do que me constitui enquanto afrodescendente. Ao afirmar que a Rosalina faz parte de mim, me coloco diante dela para, assim, produzir conhecimentos sobre quem sou/é eu/ela. Neste sentido, não pesquisei a partir da cultura do “outro”, mas sim a partir *de* e *com* o que já conheço e que me conecta com a história e a cultura em um espaço urbano específico: a comunidade Rosalina.

Seguindo nessa linha, “o pesquisador que desenvolve sua pesquisa pautado na afrodescendência está de forma física, mental, emocional e espiritual como parte do ambiente da cultura afrodescendente onde se instala a investigação desejada” (VIDEIRA, 2010, p. 86). Por meio dos percursos urbanos se buscou mensurar as dinâmicas da vida cotidiana na comunidade por meio da vivência no bairro. O pesquisador da afrodescendência pertence! Essa é uma das dimensões dessa metodologia que percebi durante o período de pesquisa.

BAIRROS NEGROS, POPULAÇÕES NEGRAS

O bairro negro é real, físico e material. Nele residem sonhos, lutas, conquistas, frustrações e afetos. O ato de sentar-se na porta de casa para tomar café da manhã ou almoçar diz muito da necessidade de compartilhar com o bairro sua vida. O privado e o público se confundem. Pendurar roupas na porta de casa e ter a certeza de que elas estarão ali naquele mesmo lugar reafirma os contratos de convivência em comunidade estabelecidos.

Estabelece-se uma lógica de convivência distinta dos demais bairros onde a maioria da população não é afrodescendente. O elemento fundante da forma negra urbana é, portanto, as afrodescendências. A Rosalina, forma negra urbana, é pensada como possibilidades sociais, econômicas e culturais, que moldam as vidas e o cotidiano da população residente de bairros negros. Na Comunidade, a areninha do palito é o único equipamento cultural existente dentro do território.



Esse campo, existente desde o nascimento da Comunidade, viabiliza uma série de atividades. A autorrepresentação tem a ver com o ato de representar-se, ser autor da sua própria representação, projetar-se em algo físico e material cuja origem remete à história e cultura do seu próprio criador. Torna-se um ato político a preservação do patrimônio cultural bairro negro porque são vistos como paisagens que mancham a cidade, quase sempre atacados, sob a justificativa de que é um ambiente inóspito, que deveria ser transformado em uma praça da juventude, ou memorial ou mesmo um conjunto habitacional.

Todos esses espaços públicos, as ruas, as quitandas, o campo, são locais onde a vida na Rosalina acontece. Pois “a vida se realiza num tempo e espaço coletivo, no qual as pessoas que participam das práticas sociais e culturais vão atribuindo sentidos às dinâmicas que se concretizam em um dado lugar-instante” (DAMIÃO, 2007, p. 47) “Pelo modo de morar, de se instalar no espaço, as sociedades - sejam “arcaicas” ou “históricas” - singularizam-se, mostrando, assim, o seu real.” (SODRÉ, 2002, p. 17.) Para Sodré, o “real” é “o existente enquanto singular, único, incomparável.” (*idem*, 1988, p. 11)

Cada morador confraterniza, cria e dinamiza a cultura no local. Produzem conhecimento e estabelecem formas de sobreviver à realidade imposta por um grupo de pessoas de origens distintas dos moradores da Rosalina. Os becos, as ruas e os cantos da Rosalina são transformações urbanas que representam a vida vivida em coletivo na comunidade. Neste sentido, Maria Estela Ramos aponta que “a casa e a rua não são opostas e sim, complementares” (RAMOS; CUNHA JR., 2007, p. 12) Essa estrutura aproxima-se do que Sommer vai chamar de *kraal* africano (SOMMER, 2005). O *kraal* é uma estrutura tradicionalmente usada por culturas africanas, essa estrutura delinea-se por um espaço de convivência e colaboração entre os membros da comunidade.

O *kraal*, portanto, na realidade africana, traduz formas de vida em comunidade. As nossas moradias são nossos patrimônios. Neles residem trajetórias de vida afrodescendente materializadas na conquista, no orgulho de ter uma moradia. O afeto, a relação afetiva com o bairro negro, a sensação de estar em casa começa nas imediações do bairro. Por mais que minha casa seja a última da última rua do bairro, basta eu chegar na primeira rua do bairro que eu já me sinto em casa. Isso explica nossa relação com as ruas, que são extensões da nossa moradia não apenas geograficamente, mas afetivamente: estou em casa, mesmo estando na rua.



O viver no bairro, o cotidiano, os processos de sociabilidades produzem conhecimento, esse conhecimento é fruto de uma educação, que aqui chamaremos de educação informal, por não ser elaborada e transmitida por uma instituição oficial, mas sim pelo bairro, pela família, pelos amigos, enfim, pela sociabilidade. Um dos problemas aqui apresentados é o fato de a escola e seus educadores não considerarem o conjunto de informações processados pelo cotidiano como parte fundamental no processo de formação humana e fortalecimento identitário.

Ora, "é preciso ter lucidez na percepção de que a educação formal não produz todos os conhecimentos, ela apenas valida ou invalida os conhecimentos que se adequam ou não a lógica e prática do que temos como educação hoje." (SOUZA, 2010, p. 98) Segundo Henrique Cunha, "o processo formador do indivíduo está situado na consciência de si, do seu entorno, da sua localidade" (CUNHA JR., 2001) É interessante observar a relação das crianças com as professoras. Todas elas apontam uma boa relação. Contudo, ao passo que essa boa relação é dita, o depoimento é acompanhado de algum tipo de violência à cultura negra presente na sala de aula.

O sentimento de "sentir-se em casa" ao chegar no bairro, é uma das formas de compreender que a realidade do bairro é mais atrativa e promove mais possibilidades de articulação de seus conhecimentos que a realidade experienciada na escola. As escolas ainda não codificaram a realidade dos bairros negros, que por sua vez não produzem conhecimentos que embasam documentos e materiais que deveriam estar presentes em reuniões e formações pedagógicas das escolas.

A ORALIDADE DA MEMÓRIA AFRODESCENDENTE NOS BAIROS NEGROS: NARRATIVA E AUTOBIOGRAFIA

A pesquisa afrodescendente concentra-se na investigação, estudo e compreensão da história, eventos e experiências da população negra. Isso implica em uma análise da história e da trajetória social e cultural dos espaços urbanos onde a maioria da população é negra. Nesses lugares, residem histórias, memórias coletivas e individuais. Sob esse aspecto, o historicismo refere-se à abordagem em que considera-se que a história é construída através de uma interpretação de um grupo de eventos ocorridos que apresentam, em certa medida, ligação histórica.

Existe uma noção de que o historicismo funciona como um "conceito produtor da história" está fundamentado sob a compreensão e interpretação de que os eventos históricos



são moldados pela perspectiva e pelo contexto em que são analisados. Neste sentido, o historicismo não permite a existência de uma compreensão universal da história, uma vez que sua construção a partir da interpretação dos fatos se dá sob influência pela visão e pelo contexto cultural a que esta interpretação se dá.

Seguindo nesta linha, os diferentes grupos sociais existentes na sociedade apresentam uma multiplicidade de perspectivas e interpretações diversas dos eventos históricos. A compreensão do fato histórico é realizada a partir de uma visão particularizada de cada indivíduo. Por exemplo, existe uma disputa de narrativas em relação ao fato que desencadeou o surgimento da Comunidade Rosalina, um bairro negro da cidade de Fortaleza-CE. Este bairro, para alguns moradores, surge no entorno do campo do Palito, por volta do ano de 1992, a partir da ocupação de algumas famílias no entorno do campo, dentre estas, inclusive, encontra-se o senhor Palito, autor do nome do campo de futebol existente dentro da Comunidade. Alguns moradores da Rua Matadouro, uma importante via pública da Rosalina, reivindicam a autoria do surgimento desta comunidade, afirmando que residem na rua desde 1992.

No entanto, dentro da própria comunidade, existe outro grupo, que chegou por volta de 1996, especificamente no dia 07 de Julho, que reivindica a autoria do surgimento da Rosalina. Afirmam estes que “quando chegamos aqui, a Rosalina não existia. Só tinha um campo e nada mais. Foi nós que construímos isso tudo aqui.” (sic). Fato é, que essas narrativas autobiográficas da população negra moradora da Comunidade Rosalina expressam a particularidade das formas de enxergar os fatos.

Nesse processo de rememoração das experiências dos indivíduos nos espaços que dá forma a memória coletiva, Walter Benjamin (sd., p. 104-105) alerta sobre a importância de não esquecer que nesse processo sempre existem perdas:

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos e tanto melhor quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido.

Em perspectiva histórica, os primeiros moradores chegam em 1992 e em 1996 acontece um segundo momento de ocupação em que de forma mais incisiva, divide-se a terra entre várias famílias, cria-se uma Associação de bairro e organiza-se em torno da construção dos barracos. A população negra da Comunidade Rosalina é um grupo social que faz parte da capital cearense. E nota-se que, por meio das narrativas, este, assim como os demais grupos sociais, não são homogêneos, eles são compostos por indivíduos com diversas experiências, culturas e histórias.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A identidade desse grupo foi-se delineando pela cultura e pela história que partilham no mesmo território. Ainda que exista disputa de narrativa em relação ao seu surgimento, a Comunidade Rosalina estrutura-se a partir de um trabalho coletivo das sociabilidades existentes que tem a ver com ética ubuntu e a forma bantu de ocupar e viver. Ubuntu é a junção de duas palavras em uma só: *ubu* e *ntu*. Enquanto que *ubu* está relacionada ao *ser-sendo* no sentido de uma existência antes de esta mesma se manifestar concretamente. Ou seja, aquilo que não expressou sua forma total plenamente e está sempre orientado em direção ao descobrimento e à manifestação contínua e incessante através de formas específicas e modos de ser (Ramose, 2002).

Por sua vez, *ntu* se expressa como raiz, uma manifestação concreta, aquilo que dá forma ao *ubu*, por esse aspecto que *ubu* e *ntu* não são compreendidos de forma separadas, mas, juntos. Estão interconectados no *ser-sendo* de forma inseparável formando uma unidade indivisível da existência enquanto força e forma. Ubuntu supera a dicotomia, a dualidade ocidental de ser e de pensar o oculto e o revelado, Ubuntu é a unidade na existência (Ramose, 2002).

A pesquisa afrodescendente analisa a história e a experiência dos povos de descendência africana, reconhecendo a influência do historicismo na formação da história e enfatizando a diversidade de perspectivas e identidades dentro de grupos sociais, moldadas por seus patrimônios históricos e culturais locais. É nesse ponto que a autobiografia e a narrativa como instrumentos metodológicos de pesquisa em campos específicos tornam-se importantes, pois permitem acessar as memórias, produzir uma revisão de si, ao passo que impulsiona uma reflexão acerca do seu entorno. Cria-se uma consciência de si e do seu entorno.

Ao longo dos percursos urbanos realizados dentro da Comunidade Rosalina, ao solicitar que a pessoa conte sua história de vida no bairro, imediatamente o sujeito olha para o vazio, contemplando sua história que vem à tona na sua memória, ativada pela pergunta inicial. E então, passados esses 5 segundos de reflexão, o indivíduo diz: minha história? rapaz, é muita história, viu?! A partir desse momento, nota-se o orgulho em narrar sua própria história.

A complexidade da memória transcende a campo individual, pois delinea dimensões sociais significativas. Ela mescla elementos tanto do âmbito pessoal quanto do coletivo, o que proporciona uma compreensão diversificada e mais abrangente em comparação com a narrativa transmitida por fontes de documentação tradicionais, como livros ou registros oficiais.



A memória tem o poder de resgatar aspectos ou espaços sociais que anteriormente foram esquecidos, ignorados ou deixados de lado na narrativa histórica dominante. Ela possibilita que a lembrança do sujeito histórico seja trazida à tona. Neste sentido, tem-se a oportunidade de acessar um campo de conhecimento de etnia afrodescendente da Comunidade Rosalina. Para Gisafran Jucá (2003, p. 73),

A memória é considerada, de acordo com a dimensão social que representa, uma realidade onde se mesclam o individual e o coletivo, possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional. Além do mais, ela permite revelar aspectos ou espaços sociais outrora esquecidos ou relegados, fazendo brotar a lembrança dos que se consideravam excluídos do processo histórico.

Neste sentido, a memória atua como uma realidade que vai além da dimensão individual, incluindo também o coletivo. Ela não se limita ao que está documentado de maneira tradicional, como em registros escritos ou oficiais. Em vez disso, a memória é apresentada como uma mistura de experiências individuais e narrativas coletivas, desempenhando um papel crucial na compreensão da história, permitindo uma perspectiva única que não pode ser totalmente capturada por documentos convencionais.

A partir dos relatos de Porto Novo, uma criança entrevistada, ele é aceito no ambiente escolar em uma única situação: quando suas aptidões físicas ou futebolísticas são colocadas à prova. As crianças do bairro têm uma lógica própria de organização das brincadeiras. Geralmente o menino mais velho é o responsável por organizar e fazer a mediação entre o grupo de crianças e o dono do brinquedo (geralmente uma bola). Não é permitido conflitos entre o dono do brinquedo e os demais jogadores. O mais velho precisa assegurar essa “paz”. Caso isso não aconteça, o dono do brinquedo leva para casa e a brincadeira acaba. Se a brincadeira acabar, apresenta-se duas possibilidades: inventar outra brincadeira ou ir para casa. Ir para casa é sempre a segunda opção.

Todas essas codificações da realidade cotidiana feita pelas crianças no ato de brincar revelam conhecimentos não codificados pelas escolas que pertencem. Essa consciência espacial das crianças observadas é expressada pelo afeto à localidade onde mora. A educação territorializada no bairro negro tem necessariamente como base o cotidiano histórico. Nessa perspectiva, educação é tudo aquilo que aprendemos no dia a dia ao morar no bairro. É no “saber viver” que reside as formas de vida urbana negra. O espaço escolar causa estranhamento, é pouco acolhedor e comumente repulsivo.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

CONCLUSÕES

A pesquisa afrodescendente se concentra na história, eventos e experiências da população negra, analisando a trajetória social e cultural dos espaços urbanos majoritariamente negros. O historicismo, como conceito produtor da história, destaca a influência da perspectiva e contexto na interpretação dos eventos históricos, impedindo uma compreensão universal. A disputa de narrativas na Comunidade Rosalina exemplifica como diferentes grupos sociais oferecem perspectivas diversas, revelando a particularidade na interpretação dos fatos.

Walter Benjamin destaca a inevitabilidade das perdas no processo de rememoração, enquanto a identidade da Comunidade Rosalina se forma por meio de narrativas coletivas e experiências compartilhadas. O conceito de ubuntu e a ética bantu desempenham um papel na estruturação da comunidade, superando a dicotomia ocidental e promovendo a unidade na existência. A pesquisa utiliza autobiografias e narrativas como instrumentos metodológicos para acessar memórias, criar uma consciência do eu e do entorno, destacando a importância da diversidade de perspectivas. A complexidade da memória transcende o âmbito individual, revelando dimensões sociais significativas e resgatando aspectos esquecidos na narrativa histórica dominante.

Os relatos das crianças em Porto Novo destacam a lógica própria de organização das brincadeiras no bairro negro, revelando conhecimentos não codificados pelas escolas. A consciência espacial das crianças reflete um afeto pela localidade onde vivem. A educação territorializada no bairro negro é fundamentada no cotidiano histórico, representando o "saber viver" da vida urbana negra. O espaço escolar é percebido como estranho e pouco acolhedor, contrastando com a educação informal obtida no dia a dia do bairro.

O bairro negro é um espaço real, físico e material onde se entrelaçam sonhos, lutas, conquistas, frustrações e afetos. A fronteira entre o privado e o público se dissolve, evidenciada pelo ato de compartilhar refeições à porta de casa e pelo simbolismo de pendurar roupas, reafirmando contratos de convivência comunitária. A lógica de convivência no bairro negro se diferencia de outros lugares, sendo as afrodescendências o elemento fundante da forma urbana negra, como exemplificado pela Comunidade Rosalina.

Nesse contexto, a areninha do palito se destaca como único equipamento cultural no território, tornando-se um ato político preservar o patrimônio cultural do bairro, frequentemente afetado pela perspectiva de transformação em praças, memoriais ou conjuntos



habitacionais. As ruas, becos e cantos da Rosalina são locais de vida coletiva, transformações urbanas que representam a comunidade, o kraal africano destaca a importância do espaço como centro de convivência e colaboração.

As moradias no bairro negro são consideradas patrimônios, contendo trajetórias de vida afrodescendente e materializando conquistas e orgulho. A relação afetiva com o bairro começa nas imediações, gerando a sensação de estar em casa mesmo nas ruas. A vivência diária, os processos de sociabilidade e a educação informal no bairro contribuem para a produção de conhecimento, muitas vezes negligenciado pela escola formal.

A educação informal é transmitida pelo bairro, família e amigos, é necessário criticar a falta de reconhecimento da escola em relação a esse conhecimento no processo de formação humana e fortalecimento identitário. A relação das crianças com as professoras é ambivalente, marcada por uma boa convivência, mas também por violência cultural na sala de aula. O sentimento de pertencimento ao bairro contrasta com a falta de codificação da realidade dos bairros negros pelas escolas, evidenciando a necessidade de incluir essas perspectivas nos currículos educacionais.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes** - Formação do Brasil no Atlântico Sul. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. v. 1. 525p.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Geografia do Brasil Africano, O Congo e a Bélgica** - Uma Aproximação. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v. 01, p. 01-25, 2010.
- _____. **Geografia, cartografia e o Brasil africano**: algumas representações. Revista do Departamento de Geografia, v. Especial, p. 332-335, 2014.
- BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única: obras escolhidas II 2a. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, s.d., p. 104-105.
- CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros: A forma urbana das populações negras no Brasil. In: **Revista da ABPN**, v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: *Raça Negra e Educação 30 anos depois*: e agora, do que mais precisamos falar? Abril de 2019a, p.65-86.
- CUNHA Jr., Henrique. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**, Ano 23, V. 2 - n°. 42, Fortaleza: FAGED/UFC, 2001. p. 05-15.
- CUNHA Jr., Henrique e RAMOS Maria Estela Rocha. (org.) **Espaço Urbano e afrodescendência**: Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: UFC Edições, 2007.



- CUNHA Jr., Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. In: GOMES, Ana Beatriz Souza; CUNHA JUNIOR, Henrique (org.). **Educação e afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: EdUFC, 2008. p. 229 – 240.
- DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.
- GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Fortaleza na visão dos idosos: onde o público e o privado se entrecruzam. **O Público e o Privado**, v. 1, n. 1 jan. jun, p. 71-85, 2003.
- MUNANGA, Kabengele; SILVA, Ana Celia. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. 2005. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. rev. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu**. Tradução para uso didático: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002. (Bahia: prosa e poesia), 184 p.
- VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques e ladainha: a cultura do quilombo do Cria-u em Macapá e sua educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- SOUZA, Juliana de. **Memórias e Histórias da População Negra de Carapicuíba-SP: uma abordagem para a educação escolar**. 2010. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2010.
- UEMURA, M. M. ; KOHARA, L. ; FERRO, M. C. T. **Projeto Moradia é Central - lutas, desafios e estratégias**. São Paulo: Centro Gaspar Garcia, 2012 (Material para Formação de Movimentos de Moradia). Instituto Polis.